

EXPLORANDO O FOLCLORE E A CULTURA POPULAR: O OLHAR ANTROPOLÓGICO DE MARIA LAURA VIVEIROS DE CASTRO CAVALCANTI

Thiago Lima dos Santos

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Reconhecimentos: antropologia, folclore e cultura popular.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2012. 381p.

O livro *Reconhecimentos: antropologia, folclore e cultura popular* reúne nove artigos publicados por Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti entre 1984 e 2009. Como afirma Gilberto Velho na apresentação são [...] textos que resultam de uma carreira de cerca de 30 anos [...]. Há uma variedade temática que rompe com qualquer ideia de monotonia. Aparecem várias vezes, de modo explícito e consciente, alterações de perspectiva e pontos de vista que expressam o desenvolvimento de linhas de pesquisa e modos de pensamento. (VELHO, 2012, p. 21).

Apresentando-se como organizadora da obra, Maria Laura reconhece os esforços de outros autores, também responsáveis pelo desenvolvimento dos projetos de pesquisa e

com colaboradores dos textos. Feita esta ressalva e este reconhecimento é possível daqui em diante defini-la como autora, fazendo as devidas referências aos artigos em parceria.

São artigos experimentados – seja por sua data de publicação ou por apresentarem resultados de pesquisas, alguns tendo sido apresentados e debatidos em eventos – portanto, com grande capacidade analítica. Abordando especificamente o tema do Folclore e Cultura Popular em sua historicidade a autora acaba por mostrar um pouco do próprio caminho percorrido pela sociologia e pela antropologia no Brasil, desde Nina Rodrigues, passando por Artur Ramos, Edson Carneiro, até chegar a Roger Bastide, como é analisado no primeiro capítulo, intitulado *Origens, para que as*

quer? *Questões para uma investigação sobre a umbanda.*

A autora preocupa-se também em mostrar os descaminhos percorridos pelos estudos do folclore definido por ela como

[...] um conjunto de obras intelectuais e de iniciativas institucionais que começam por volta de 1870 e chagam até 1960. A data inicial toma por referencia a geração intelectual de Silvio Romero, acompanhando a tendência geral dos trabalhos sobre o pensamento social que a indicam como inauguradora de uma ótica cientificista de conhecimento da realidade brasileira. A data final refere-se à criação da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (CDFB), ligada ao então Ministério da Educação e Cultura, em 1958. (CAVALCANTI, 2012, p. 73).

Maria Laura destaca as formas distintas de institucionalização pelas quais passaram os estudos folclóricos e as ciências sociais. Enquanto esta última conseguiu firmar posição dentro da academia os folcloristas não conseguiram tal feito.

O Movimento Folclórico foi bem sucedido na constituição de comissões, museus, institutos, órgãos governamentais, mas não obteve sucesso em seus esforços em favor da introdução de disciplinas específicas nas universidades, também tão almejadas pelos folcloristas. (CAVALCANTI, 2012, p. 75).

A ideia de que ao Movimento Folclórico faltou a institucionalização acadêmica e a constituição de disciplinas específicas aparece direta ou indiretamente em boa parte dos artigos e não unicamente no capítulo 2, *Os estudos de folclore no Brasil*, escrito a partir de pesquisas realizadas de maneira conjunta com Myrian Lins de Barros, Luiz Rodolfo Vilhena, Sivana Micelli e Marina de Mello e Souza.

No capítulo 3 – *Traçando fronteiras. Florestan Fernandes e a marginalização do folclore* (escrito em parceria com Luiz Rodolfo Vilhena) – a questão da não institucionalização acadêmica é trabalhada para mostrar que não foi por falta de iniciativa dos folcloristas, mas por força da visão do que era ciência para a sociologia e por sua posição hegemônica dentro da academia. Segundo os autores

No plano intelectual, essa vertente da sociologia brasileira foi a vertente mais poderosa de oposição que o projeto do Movimento Folclórico encontrou na tentativa de legitimar a sua disciplina junto ao meio acadêmico. (CAVALCANTI; VILHENA, 2012, p. 122).

Atentando para as disputas do campo intelectual, os autores destacam os argumentos de Florestan Fernandes como contributo para a marginalização acadêmica do folclore, que segundo ele [Florestan] não viria a atingir um lugar de destaque no Brasil moderno. A constatação de Fernandes converge para a preocupação de folcloristas como Mário de Andrade com o possível desaparecimento de elementos de nossa cultura e sua perspectiva de registro dos mesmos. No entanto, para o sociólogo não haveria pertinência em incluir nos currículos acadêmicos disciplinas voltadas para o folclore nacional.

Em diversos artigos Maria Laura diverge do pensamento de Florestan Fernandes, principalmente por atribuir a figuras como Mário de Andrade e Edson Carneiro posição central na vivacidade do interesse pela temática do folclore, que viria a ser apropriada pela academia sob a noção de *cultura popular*, mais ampla e mais complexa.

Talvez por não se concretizar a profecia de desaparecimento é que as tarefas dos folcloristas tenham entrado em declínio. O

folclore não estaria então desaparecendo e sim em uma constata reinvenção e adaptação, processo esse que viria a ser um dos focos da antropologia e da sociologia. Desse modo os estudos folclóricos teriam entrado na academia, mesmo que indiretamente.

É nessa relação entre o campo acadêmico e as pesquisas “não científicas” que se situa o primeiro nível de reconhecimento trabalhado pela autora. Antropólogos e sociólogos passaram a reconhecer o trabalho dos folcloristas não só como parte integrante da história das disciplinas, mas como formuladores e precursores de um campo de pesquisa.

Maria Laura expõe esse processo de reconhecimento não somente como um marco – visível em pesquisas como as de Oracy Nogueira, Roberto DaMatta e Maria Isaura Pereira de Queiroz para cada qual irá dedicar um capítulo – mas como um requisito para possibilitar a manutenção de trabalhos como o de Domingos Vieira Filho e Sergio Ferretti, como explica a autora no capítulo 4, *Por uma antropologia dos estudos de folclore. O caso do Maranhão*.

O encontro de Domingos Vieira Filho e de Sergio Ferretti nas instituições culturais do estado sintetiza assim a confluência do Movimento Folclórico das décadas de 1940 e 1960, com a institucionalização das ciências sociais no ambiente universitário maranhense nos anos 1970. Revela, também, como duas formações intelectuais distintas se influenciaram mutuamente. Inaugura-se assim, no Maranhão, o momento que se estende até nossos dias de ingresso dos temas do folclore e da cultura popular no rol dos interesses universitários. (CAVALCANTI, 2012, p. 173).

Em um longo capítulo intitulado *Oracy Nogueira: o estudo do estigma e do preconceito racial*, Maria Laura dedica especial

atenção a este intelectual que não ocupa um lugar de destaque na história das ciências sociais, mesmo com uma produção versátil e de elevado nível, características visíveis em dois aspectos destacados pela autora.

O primeiro faz relação ao trabalho *Vozes de Campos do Jordão* no qual Oracy Nogueira

[...] estudou não o comportamento do tuberculoso enquanto tal, mas sim o processo pelo qual indivíduos tornavam-se socialmente doentes dentro de uma determinada cultura. Em outros termos, o ingresso numa estação de cura foi visto como um rito de passagem (a expressão não está lá, mas a ideia está) descrito pelo autor de modo bastante sensível. (CAVALCANTI, 2012, p. 199).

O segundo aspecto seria a constituição de uma categoria analítica com grande capacidade de apreensão da realidade brasileira. Segundo Maria Laura, a inovação de Oracy Nogueira esteve em compreender o preconceito no Brasil como “de cor” e não necessariamente como o de raça, atingindo pessoas negras e pardas independentemente de sua situação econômica.

O trabalho de Oracy Nogueira é apresentado como marcado por um grau de vanguardismo elevado, expondo novas questões ao campo das pesquisas antropológicas, além de trabalhar com noções que viriam a se tornar comuns nas análises sociológicas e antropológicas, como o *estigma*, trabalhado por Erving Goffman posteriormente – a expressão não está lá, mas a ideia está!

Ainda na perspectiva de reconhecer os autores responsáveis pelo desenvolvimento de pesquisas sobre folclore e cultura popular, Maria Laura dedica espaço ainda para dois artigos, um sobre Roberto DaMatta e

Maria Isaura Pereira de Queiroz. Em espécies de “resenhas biográficas” a autora destaca o fato que os trabalhos desses autores estão situados em uma tradição dos estudos folclóricos, mas que representam avanços no sentido de uma leitura mais complexa das temáticas envolvido com caracteriza a autora sobre *Carnaval, Malandros e Heróis* no capítulo 6, *Roberto DaMatta: o carnaval e a interpretação do Brasil*.

Um livro que foi, e é até hoje, uma libertação, trazendo a cultura e com ela a perspectiva antropológica para a ordem do dia na compreensão da sociedade brasileira. Uma extraordinária problematização dos níveis e fatos sociais que nos dão sentido de pertencimento a uma cultura nacional; daqueles valores, modos de ser e personagens, sem os quais, como propõe DaMatta, nos falta algo de essencial e o “mundo parece deslocado” (CAVALCANTI, 2012, p. 255-256).

De forma semelhante ao de DaMatta e muito elogiosa, o trabalho de Maria Isaura Pereira de Queiroz é descrito no capítulo 7, *Maria Isaura Pereira de Queiroz: seu gosto pelo folclore e pela cultura popular*. A escrita deste artigo é diferente dos demais, há um teor de depoimento pela proximidade e reconhecimento para com Maria Isaura, a quem se refere constantemente como professora. De sua obra destaca-se, na ótica de Maria Laura, a objetividade das pesquisas e análises e a forma como expressa seu gosto pelo folclore e cultura popular sem que a cientificidade do trabalho seja comprometida. A partir deste capítulo surge um segundo nível de reconhecimento, ligado à própria constatação do folclore como algo importante e merecedor de destaque e de estudos no meio acadêmico.

O segundo maior artigo do livro, no capítulo 8, é dedicado aos trabalhos de Má-

rio de Andrade, situado no livro em uma posição como de destaque, arrematando assim o rol de intelectuais merecedores de reconhecimento por suas contribuições. Segundo a autora, Mário de Andrade “emerge hoje como uma incontornável esfinge no percurso dos estudos das artes e das culturas populares” (Cavalcanti, 2012, p. 299) e merece destaque pela etnografia praticada nas suas pesquisas e coletas que geraram não só arquivos precisos, mas abriu precedentes para um campo rico em estudos.

Por fim, no capítulo 9, Maria Laura reserva um espaço para mostrar reflexões sobre a história da sociologia, antropologia e dos estudos folclóricos. Em *Tempo e narrativa nos folguedos do boi. A ilusão do arcaísmo nos estudos de folclore*, a autora trabalha com a ideia de que o auto do bumba meu boi é antes de tudo uma crença no próprio auto e essa crença, por sua vez, é que dá sentido à realidade vivida pelos brincantes e reconhecida pela maioria das pessoas.

Na análise da autora o folguedo de bumba meu boi, bem como o folclore, é apresentado como uma criação coletiva e que procura dar sentido para o dia a dia dos que dela partilham, de forma que o cientista social por meio da cultura pode compreender a organização dos indivíduos, seus ritos, símbolos e suas teias de significados. Voltamos assim ao princípio, tanto do livro quanto dos estudos sobre o folclore e a cultura popular, por meio dos quais os intelectuais buscavam compreender a sociedade brasileira, mostrando a importância da cultura para a nação e das políticas públicas de incentivo.

Maria Laura conseguiu reunir em um livro artigos de momentos distintos de sua carreira, no entanto, a sua forma de organizá-los e apresentá-los faz com que o leitor perceba essa característica em apenas

poucas passagens quando da repetição de algumas informações. Não atualizar os textos da década de 1980 e 1990 poderia ser uma opção perigosa pensando pela lógica de mercado ou das pesquisas atuais, repetindo textos de temporalidades distintas, mas o livro é uma forma de dialogar com a produção de conhecimento acerca das ciências sociais, mantendo o debate sobre a identidade e a prática dessas disciplinas.

Ao manter “os originais”, Maria Laura se permitiu mostrar ao público esse processo de construção do conhecimento do qual fala no decorrer do livro, tanto pelo intervalo de tempo entre o texto mais antigo e o mais recente – que só é perceptível ao observar as notas de fim de texto – quanto pelas imagens que marcam a divisão entre capítulos, compostas pelos originais dos textos (alguns datilografados) com correções e observações a mão, como por suas anotações prévias, reunindo informações antes da escrita.

NOTA SOBRE O AUTOR

Thiago Lima dos Santos é graduado em História pela UFMA e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFMA.

Recebido em: 15/07/2013

Aprovado em: 29/09/2013

